



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

### Chiquinho da UnB

A história de Francisco Joaquim de Carvalho é tão colada à da Universidade de Brasília que virou sobrenome: Chiquinho da UnB. Ele é um piauiense virador, que não teve acesso às universidades, mas foi salvo pelo contato com os livros. O convívio cotidiano com os melhores professores da UnB, ao longo de cinco décadas, fez com que Chiquinho conhecesse as obras essenciais das áreas de sociologia, antropologia, comunicação, história e literatura. Aliás, o melhor

professor que tive costumava repetir que a parte mais importante de um curso era a bibliografia.

Mas voltemos ao nosso personagem. Chiquinho aprendeu tudo de maneira autodidata, com atenção aos mestres, viagens a bienais, participação em feiras literárias e encontros científicos. Coleciona 500 autógrafos de grandes ensaístas e escritores como se fossem documentos de vida, entre eles, José Sarrafinho, Milton Santos, Edgar Morin e Cornelius Castoriadis.

Em 1974, disputou um concurso para saber quem era o maior vendedor de jornais de Brasília. Ele trabalhava na banca da Dona Chica, no Minhocão Norte, da UnB. Vendeu 500 jornais e faturou o prêmio. Lá, afiou a lâbia e a observação

sobre a psicologia dos clientes.

Na década de 1980, iniciou o contato com os livros e trabalhou em algumas das mais importantes livrarias da cidade: Galileu, Literatura, Loja de Livros e Livraria Rodoviária. Mas, logo em seguida, percebeu que era bom vender livro de mão em mão. Em 1989, ganhou um espaço para a livraria no Minhocão, onde ele conquistou uma legião de admiradores entre alunos e professores.

Em certo momento, cogitaram retirar a Livraria do Chico do Minhocão, em um ato desrazoado. Seria, guardadas as devidas proporções, semelhante a realocar o Beirute da 109 Sul para o Setor de Boêmia Oeste. Sem ter nenhum diploma acadêmico, Chiquinho é um agente educacional.

O argumento de que a universidade pretendia resgatar e preservar a obra arquitetônica de Niemeyer de descaracterizações era discutível. Os espaços da UnB apresentam problemas na fiação elétrica, na estrutura de concreto e na conservação dos banheiros.

Chiquinho faz um trabalho de utilidade pública. Em tempos de dispersão da internet e culto de bobagens, ele promove a leitura, encontra os livros difíceis onde eles estiverem e indica obras fundamentais para os alunos. Ele trabalha com o saber, que é a razão de ser e a alma da universidade.

Eu sei, não estava no projeto da UnB, mas são as surpresas da história, que é preciso acolher com sensibilidade e humanidade. O que a UnB deveria fazer é

tombar Chiquinho na condição de patrimônio histórico e cultural da universidade. Ninguém vai à Livraria do Chico para falar sobre quem será o próximo a ir para o paredão do BBB, para jogar truco ou videogame. Quem aparece por lá, está interessado em livros.

As inundações da Asa Norte têm atingido o Minhocão na UnB. E, para prevenir as desagradáveis surpresas trazidas pelas chuvas, a UnB resolveu fazer reformas naquela área. Com isso, Chiquinho teve de se mudar, provisoriamente, do espaço que ocupa no Minhocão, para um lugar batizado de Amarelinho. Esperamos que ele volte logo para o lugar de origem, assim que estiverem finalizadas as reformas. A Livraria do Chiquinho humaniza o Minhocão.

### OBITUÁRIO

Proprietário do mercado La Palma, Rogério Muniz faleceu na madrugada de ontem. Chefs e amigos destacam a importância do empresário para o setor. "Ele trouxe sabor, qualidade e produtos diferentes para a cidade", ressalta Francisco Ansiliero

# Gastronomia brasiliense de luto

» GIULIA LUCHETTA  
» EDUARDO FERNANDES  
» LETÍCIA GUEDES

Conhecido no meio gastronômico brasiliense, Rogério Muniz Netto, proprietário do mercado La Palma, morreu na madrugada de ontem, aos 72 anos. A causa da morte ainda é desconhecida. O empresário passou o domingo ao lado da família, comemorando o Dia das Mães, mas faleceu inesperadamente, enquanto dormia. O velório será hoje, a partir das 12h, na Capela 1 do Cemitério Campo da Esperança, na Asa Sul. Uma cerimônia budista ocorrerá às 13h.

Geólogo de formação e doutor em gastronomia, Rogério nasceu em Belford Roxo, no Rio de Janeiro, mas foi criado em Nova Era (MG). Chegou a Brasília com o objetivo de estudar, cursou geologia na Universidade de Brasília (UnB) e atuou na área como funcionário público por alguns anos. Contudo, largou a carreira quando a esposa Mariko Saito herdou o empório La Palma, criado em 1986 pelo pai, Ichikichi Saito, natural do Japão. O casal atuou diretamente no nascimento do mercado de produtos de alto padrão na capital, e construiu um empório com mais de 10 mil especialidades. As lojas, localizadas na 404 Norte e na 413 Sul, amanheceram fechadas na manhã de ontem.

A filha mais velha do casal, Paula Mayumi Saito Muniz, 43 anos, disse ao **Correio** que o pai

Arquivo pessoal



Empresário exemplar: Rogério deixou a esposa, duas filhas e três netos

era extremamente amoroso, um exemplo de garra e determinação. "Era um ser humano exemplar, gostava de conversar com todo mundo, com isso aprendeu muito e fez inúmeros amigos. Tentava ajudar a todos como podia, nos ensinou que só o esforço nos levaria longe e que a família é o bem mais precioso que temos", destacou. Rogério, que se apresentava como quitandeiro, deixou a esposa, duas filhas, que trabalham no La Palma, e três netos.

#### Amigo fraterno

Um dos grandes nomes da gastronomia brasiliense, o proprietário do restaurante Dom Francisco, Francisco Ansiliero, disse ao **Correio** estar em choque com a

notícia. Parceiros de longa data, se conheceram há mais de 30 anos quando iam à Ceasa fazer compras para as empresas. "Ele foi um grande incentivador da gastronomia, trazendo sabor, qualidade e produtos diferentes, sobretudo temperos especiais. Quando tinha algum problema no restaurante, o recurso que não falava era o La Palma, muito dificilmente a gente ia lá e não achava o produto que era procurado", lembrou.

Ansiliero ressaltou que Rogério tinha uma enorme vontade de ajudar e que, além de distribuir os produtos, ensinava os clientes a usar os temperos. "Para a gastronomia da capital, ele é, certamente, uma das pilhas, e quem for escrever história sobre isso deve fazer uma

#### DEPOIMENTO

#### Muito além de quitandeiro

» LIANA SABO

"Estou devastada", proclamou Roberta Sudbrack pelo zap enviado do Rio de Janeiro, na manhã de segunda-feira. Referia-se à inacreditável perda de nosso amigo comum Rogério Muniz. Depois de Mariko e das filhas, lembrei-me imediatamente dela e do quanto ele foi importante não só para a chef gaúcha, carioca de coração, mas também para "o movimento incrível que foi a renovação da gastronomia brasileira", atestou Roberta.

A carreira dela (Roberta) tomou impulso justamente quando ele abriu-lhe a canastra de produtos de qualidade depois de um desesperado apelo. Ao chegar ao Palácio da Alvorada para assumir as caçarolas da Presidência da República, na era FHC, Roberta tomou um susto com a despensa repleta de enlatados.

Era o que tinha! Imediatamente liguei para Rogério Muniz, que a socorreu com frutas, legumes e ervas frescas. A cada dois dias, a caminhonete do La Palma tinha livre acesso à cozinha palaciana.

"Com ele se vai um pedaço da minha história", me diz a cozinheira, que em 2015, foi eleita melhor chef mulher da América Latina pela revista inglesa *The Restaurant*. Ela é grata, como uma legião de chefs da cidade, "por ter aprendido com Rogério a dar valor a todos os ingredientes — do mais simples ao mais sofisticado".

Diplomado na primeira turma do curso de segurança alimentar da UnB, Rogério, geólogo por formação, sempre foi modesto. Quando era elogiado pelo conhecimento do preparo que tinha de tudo o que é comestível, disfarçava o contentamento dizendo: "Sou apenas um quitandeiro".

juntos, na casa de Rogério. Falavam ao telefone todos os dias.

#### Refino

Veronese lembrou que os dois compartilharam inúmeros momentos juntos, desde viagens à Europa a conversas nos estabelecimentos. "Naquela época, Brasília não tinha nada, ele era o único sujeito da área. Quando a gente precisava de alguma coisa, ele conseguia: 'Rogério, eu preciso de alcaparra seca!', ele achava alguém para ir buscar no Sul da Itália e, 15 dias depois, ela estava aqui", disse. "Ele foi o refino da comida de Brasília, isso é um ponto fundamental. A história gastronômica da capital se deve à história do Rogério, porque não tinha nada, era só ele", declarou.

O chef Gil Guimarães, dono da Pizzaria Baco, contou que manteve amizade com Rogério há 25 anos, desde o início de sua pizzaria. Ele definiu o gastrônomo como um grande cozinheiro e amigo. "Foram tantas conversas, sempre falando dos produtos, das novidades, correndo atrás e dando ideias. Uma das pizzas mais famosas da Baco é uma receita dele. Ele foi um cara superimportante para a gastronomia de Brasília, todos os chefs, todo mundo que trabalha na área tem uma história legal para falar dele", disse Gil, que completou dizendo que o empresário era muito querido não apenas pelos amigos de profissão, mas por pessoas que frequentavam o La Palma.

capítulo especial sobre quem foi o Rogério para a gastronomia brasiliense."

Abalado, o professor e biólogo gourmet Marco Antônio Veronese contou que havia falado com Rogério no domingo à tarde, quando ele o ligou para

desejar feliz Dia das Mães à sua esposa. Coleccionando quase 60 anos de amizade, os dois conheceram-se na UnB e consideravam-se família. Com exceção da última virada de ano, por motivos relacionados à saúde, passaram os 15 últimos réveillons

# Arquitetura perde Frederico Carvalho

» PABLO GIOVANNI

O arquiteto e urbanista Frederico Luiz Souza Aguiar de Carvalho morreu, na manhã de ontem, aos 70 anos. Ele integrou a equipe do arquiteto João Filgueiras, o Lelé, nos projetos de construção do Centro Comunitário Atheros Bulcão, no campus da Universidade de Brasília (UnB).

Graduado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (FAU-UnB) em 1977, Frederico também é autor do projeto dos edifícios da Farmácia do Hospital Universitário de Brasília e do Hospital da Criança de Brasília

José Alencar. Recentemente, ele atuava como professor no Centro Universitário Iesb.

Ele também tinha experiência na área de engenharia civil. Pelas redes sociais, amigos e alunos lamentaram a morte do arquiteto, carinhosamente chamado por "Fred". A engenheira Roberta Lima escreveu que Frederico fará muita falta. "Dia de luto. Descanse em paz, amigo. Você foi e sempre será inspiração para todos os que puderem conviver contigo", destacou.

O professor Matheus Mendes, que trabalhava com Fred no centro universitário, escreveu

que é uma perda para todos da arquitetura. "Parte um grande arquiteto, professor e amigo. Como fará falta nas bancas e nos papos dos corredores. Um verdadeiro mestre com quem tive o privilégio de conviver. Vá em paz", disse.

A arquiteta Tatyane Olav destacou que aprendeu muito sobre arquitetura com o professor. "As aulas do Fred eram pura criatividade e bom humor. Sentava sempre comigo para conversarmos sobre arquitetura e a vida. Guardo muitos desenhos seus, professor. Obrigada por todos os ensinamentos", lamentou.

Em nota, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Distrito Federal (CAU-DF) lamentou a morte de Frederico e lembrou que o professor foi orientador de um Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) intitulado *Vila dos Carvalhos — Moradia para Idosos. Habitação Multifamiliar de Interesse Social*, de autoria de Maria Margareth Wahrendorff, que recebeu menção honrosa no 3º prêmio TCC do conselho.

O velório está previsto para ocorrer de 10h às 12h de hoje, na Capela 10 do Campo da Esperança, da Asa Sul. A causa da morte não foi revelada.

CAU-DF/Divulgação



Frederico Carvalho faleceu na manhã desta segunda-feira, aos 70 anos

#### Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 13 de maio

#### » Cemitério Campo da Esperança

Antônio Carlos Barros Alencar, 49 anos  
Aracy de Souza Milhomem, 87 anos  
Ary Hespagnol Filho 67 anos  
Caio Santana Alves, 6 anos  
Carlos Eduardo Ramos Pereira, 28 anos  
Dimas Moreira da Silva, 79 anos  
Dolores Belmiro Rosa, 60 anos  
Francisco Alves Pereira, 90 anos  
Francisco Petrus Neto, 69 anos  
Gláucio Vinicius de Souza, 53 anos  
Ivette Maria Maues Costa

Ribeiro, 86 anos  
João Vitor Rodrigues Martins, 27 anos  
Maria de Lourdes Cordeiro de Castilho, 95 anos  
Maria Elvira de Castro Mendes Soares, 83 anos  
Maria José de Oliveira Dias, 88 anos  
Maria Lima Dias Costa, 64 anos  
Nayara de Jesus Rodrigues, 33 anos  
Paulo Henrique Evangelista Frazão, 31 anos  
Paulo Roberto Rodrigues

Ferreira, 43 anos  
Paulo Sérgio Castro de Sousa, 27 anos  
Tercília Batista de Almeida, 69 anos

#### » Cemitério de Taguatinga

Alirio Gomes Ribeiro, 77 anos  
Ana Maria de Andrade, 75 anos  
Cláudio Alves Teixeira, 59 anos  
Deusdedit de Oliveira Rasilan, 69 anos  
Edey Soares Guimarães, 63 anos  
Florinda Ferreira de Brito, 71 anos  
Francisca Machado Silva, 72 anos

Francisco Ferreira Lira, 55 anos  
Luzineide Aparecida Galdino de Carvalho, 60 anos  
Maria Bárbara da Silva, 84 anos  
Maria Dolores Dantas, 92 anos  
Martim da Rocha Rodrigues, 54 anos  
Sebastiana Rufino Pereira, 88 anos  
Teresinha Ribeiro de Abreu, 57 anos  
Walter Pereira Ruela, 68 anos

#### » Cemitério do Gama

Cláudia Rejane Moura dos Santos, 53 anos

Elita Fonseca Chaves, 86 anos  
Glaciele Marques Batista dos Santos, 46 anos  
Valter Alves de Almeida, 69 anos

#### » Cemitério de Planaltina

Getulino Tocantins de Godói, 74 anos  
José Maria Honório Medeiros, 68 anos

#### » Cemitério de Brazlândia

Eugenil Batista Alves, 63 anos  
José Pedro Gualberto, 95 anos  
Cemitério de Sobradinho

Francisco Rodrigues de Souza, 89 anos  
Maria das Neves da Silva, 76 anos

#### » Jardim Metropolitano

José Alves Martins, 73 anos  
Manoel Antônio Moreira, 70 anos  
Janieri da Costa Silva, 36 anos

#### » Cremações

Cidalina Cunha Cardoso, 68 anos  
Fábio Borges Moreira, 64 anos  
Fábio Lauro Eiras, 39 anos  
Joana Barros Cardoso, 94 anos